

**XXII Assembleia Mundial da Paz  
Hanói – Vietnã | Novembro de 2022**

**CONSELHO MUNDIAL DA PAZ**

**Discurso da Presidenta cessante Socorro Gomes**

Queridos camaradas e amigos do Comitê da Paz do Vietnã, Queridos camaradas e amigos das organizações que integram o Conselho Mundial da Paz e os seus órgãos do Comitê Executivo e Secretariado,

Primeiramente, agradeço ao Comitê da Paz do Vietnã e, por seu intermédio, ao governo da República Socialista do Vietnã, seu Partido dirigente, o Partido Comunista do Vietnã, e ao povo vietnamita por sediar a 22ª Assembleia do Conselho Mundial da Paz, com a proverbial hospitalidade que os caracteriza e excelente organização.

Isto nos permite realizar uma assembleia com ótimas condições de trabalho, facilitando que cheguemos a resoluções consoantes as expectativas de todos aqueles que têm no Conselho Mundial da Paz uma referência de luta.

É com imensa honra que voltamos a este belo país, onde o seu heroico povo realiza um frutífero trabalho em busca da prosperidade econômica e do desenvolvimento social, da consolidação de sua independência, abrindo novas páginas de progresso inserindo-se de maneira soberana no mundo.

Reiteramos a nossa total solidariedade aos seus esforços construtivos e mais uma vez condenamos os causadores da guerra colonialista que deixou trágicas consequências indelévels. Aqui, de maneira criminosa, foram usadas armas de destruição em massa, como o agente laranja, que acarretou prolongadas consequências danosas ao país. Mas o povo vietnamita soube conquistar a sua libertação para reconstruir a sua nação, o que demonstra o seu caráter revolucionário.

Camaradas e amigos,

Depois de seis anos sem reunir a nossa instância máxima devido às limitações impostas pela pandemia da covid, finalmente criaram-se as condições para nos encontrarmos presencialmente.

Esta 22ª Assembleia realiza-se em uma conjuntura marcada pelo agravamento dos problemas sociais da humanidade, com maiores ameaças à paz mundial, à autodeterminação das nações e à segurança dos povos.

A humanidade vive uma época conturbada, marcada por uma crise econômica e social

crônica na medida em que não encontra soluções, envolta em contradições e conflitos políticos e militares, escalada militarista, e guerras que se alastram e intensificam a ameaça de hecatombe nuclear. Tal conjuntura apresenta complexos desafios às organizações que lutam pela paz mundial, a justiça social, os direitos dos povos, a igualdade das nações.

É em tal contexto que o Conselho Mundial da Paz, cuja instância máxima reúne-se a partir de hoje na heroica capital vietnamita, que vamos juntos, com visão abrangente, espírito combativo e unidade, traçar os rumos de nossa luta e nossas tarefas, como contribuição aos esforços conjuntos que fazem organizações políticas e sociais amigas, forças democráticas e progressistas, amantes da paz e dos princípios da autodeterminação dos povos e da justiça social, para desencadear e organizar um poderoso movimento capaz de conter e derrotar as forças belicistas e retrógradas que ameaçam destruir conquistas históricas da humanidade.

A nossa última Assembleia foi realizada há seis anos, no Brasil, sediada pelo CEBRAPAZ, quando, irmanados com o povo brasileiro e forças políticas e sociais democráticas, já então em luta contra o golpe de Estado que ocorrera naquele ano e iniciou um processo de destruição de conquistas sociais, o Conselho Mundial da Paz ergueu sua voz contra as ofensivas imperialistas contra a paz mundial e os direitos dos povos.

Naquela histórica assembleia reafirmamos o caráter de nosso movimento como anti-imperialista, democrático, independente. Uma organização voltada para a realização de amplas ações de massas em defesa da paz, em solidariedade com povos e nações agredidos e ameaçados. Reiteramos o nosso propósito de realizar ações com outros movimentos que ao redor do mundo defendem conosco a mesma causa.

Apesar do longo período decorrido desde a última assembleia, o filtro do tempo e as dificuldades para a realização de reuniões, assembleias e eventos presenciais não apagaram as nossas resoluções, não calaram a nossa voz e não nos paralisaram. O CMP chega à sua 22ª Assembleia em Hanói com mais disposição de luta.

Quando a pandemia se tornou o problema dominante no mundo em 2020, o cenário já era de aprofundamento da crise econômica e social sistêmica e de acentuação dos traços fundamentais da dominação de potências imperialistas, destacadamente os Estados Unidos e a União Europeia.

A fortuna dos dez homens mais ricos do mundo dobrou desde o início da epidemia, segundo um relatório divulgado no início de 2022 pela Oxfam, intitulado “As desigualdades matam”. O documento também revela que a renda de 99% das pessoas caiu e 160 milhões foram empurradas para a pobreza, o que evidencia as desigualdades

econômicas, de gênero e raciais. A taxa excepcional de 99% sobre os ganhos obtidos com a pandemia pelos dez homens mais ricos do mundo, estima a Oxfam, permitiria a produção de uma quantidade suficiente de imunizantes para a população mundial, a criação de uma proteção social e médica universal e o financiamento de medidas de adaptação ao clima, além da redução da violência de gênero em 80 países. Mas os bancos centrais injetaram trilhões de dólares no mercado financeiro para salvar a economia, e uma boa parte desse dinheiro acabou no bolso dos bilionários.

No mesmo período, mais de 640 milhões de pessoas foram infectadas pelo novo coronavírus, dentre as quais morreram quase 7 milhões. Em todos os países, os mais pobres sofreram os maiores impactos e se verificou a maior retração de empregos em mais de 90 anos. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima que cerca de meio bilhão de pessoas estão atualmente subempregadas ou sem emprego, enfrentando miséria e fome. A pandemia expôs e aumentou as desigualdades econômicas, evidenciou a crise dos sistemas de saúde e previdenciários revelou quão é injusto o sistema internacional com a flagrante desigualdade nos níveis de vacinação.

Inquietos diante do perigo de explosões sociais que inevitavelmente se converteriam em crises políticas e conflitos de grande envergadura, os círculos dominantes internacionais até hoje não foram capazes de adotar políticas para minorar o sofrimento dos povos, sobretudo das camadas sociais mais exploradas e oprimidas. Diante da crise, os círculos imperialistas lançam a chamada fuga para o alto, tentativas de retomada do crescimento econômico, como os planos trilionários recentemente lançados pelos EUA e a União Europeia, que resultam em mais concentração de riqueza nas mãos dos poderosos e maior espoliação dos povos.

As contradições dos povos com o imperialismo, as agudas lutas nacionais e de classes estão entrelaçadas e em agravamento, em um quadro em que ocorrem alterações significativas no sistema internacional. Os EUA vivem um período prolongado de declínio histórico e se chocam com outras forças em ascensão. Não é por acaso que recentemente o governo dos Estados Unidos lançou sua nova doutrina de segurança, em que a China é apontada como alvo direto da oposição estadunidense, que se afigura como ações provocativas, tentativas de ingerência, subversão, cerco militar e preparação para uma futura agressão direta. Também a Rússia é apontada nos documentos da Casa Branca, Departamento de Estado e Pentágono como um inimigo a debilitar e abater.

A fúria do imperialismo estadunidense está diretamente relacionada com sua crise sistêmica e seu declínio que corresponde, por outro lado, à emergência do mundo multipolar, com uma nova distribuição de poder. Para além do extraordinário desenvolvimento econômico, com evidentes avanços sociais, que saudamos com

entusiasmo, a China alcançou uma considerável presença internacional com seu protagonismo em parcerias econômicas e iniciativas como a da nova rota da seda, acordos comerciais de largo espectro, Brics, Organização para a Cooperação de Xangai, fortalecimento da sua Defesa nacional, prioridade para ação na ONU, multiplicidade de relações bilaterais, para citar as mais importantes. O pacto renovado entre a China e a Rússia no início deste ano é um marco na emergência deste novo mundo multipolar.

Destacam-se ainda as relações desse país socialista com a CELAC (Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos) e o Fórum com a África. A Rússia, com sua resiliência como força nacional importante, apesar do retrocesso social resultante da liquidação das conquistas do socialismo a partir do início da década de 1990, também se tornou um polo das contradições geopolíticas.

Diversos países lutam pela paz, o desenvolvimento nacional e o progresso social de seus povos, defendendo sua soberania e empenhando-se para que prevaleça o multilateralismo nas relações internacionais. Essa mudança na correlação de forças internacional decorre de uma tendência histórica objetiva do desenvolvimento desigual das nações e cria um contexto mais favorável para o desenvolvimento da luta anti-imperialista.

No quadro internacional atual e em desenvolvimento, não está no horizonte a perspectiva de redução da ofensiva imperialista estadunidense contra os povos e contra os países com os quais rivaliza. Ao contrário, é nítida a tendência ao agravamento de conflitos, a intensificação da ofensiva multidimensional desse imperialismo, que continua tentando pelas mais diversificadas formas e utilizando os mais variados meios —econômicos, financeiros, diplomáticos, militares e de guerra psicológica e ideológica— contrariar a tendência do seu declínio.

Nessa política ganha relevo a militarização, com a proeminência da Otan, das bases militares e do poderio nuclear, e a política de sanções contra países que não se submetem. A mais recente revisão do conceito estratégico expansão da Otan para o Leste Europeu, com o objetivo de cercar a Rússia, o estabelecimento de novos blocos como o AUKUS e a maior presença militar na Ásia, no Oceano Índico e no Pacífico com objetivos anti-chineses demonstram essas tendências,

É nesse contexto que se desenvolve a crise no Leste Europeu e desencadeou-se desde 24 de fevereiro deste ano a Operação Militar da Rússia na Ucrânia. Como intransigentes defensores da paz mundial e da solução pacífica dos conflitos entre as nações, clamamos pelo fim da guerra na Ucrânia e o estabelecimento de condições para uma paz duradoura e justa na região. Igualmente, de acordo com os nossos princípios, não nos furtamos ao dever precípua de apontar os verdadeiros causadores da guerra e de denunciá-los: o

imperialismo estadunidense, a Otan, seu braço armado, e as forças internas ucranianas golpistas, pró-imperialistas, oligarquias e aparatos militares e ideológicos de cariz nazifascista, que desde o golpe de 2014 alinharam o país aos desígnios das potências imperialistas, desencadearam furiosa repressão às forças progressistas internas, deram curso ao massacre das populações da região do Donbass e se comportaram como párias internacionais ao violar os acordos de Minsk.

Temos clareza, discernimento e experiência histórica para distinguir entre conceitos e práticas próprios de uma guerra de agressão imperialista e uma ação militar defensiva diante da expansão das forças da Otan para o Leste, assim como de uma luta antifascista e em ajuda a populações ameaçadas de genocídio. Não se pode compreender o caráter do conflito na Ucrânia sem tomar em consideração o processo continuado, desde os anos 1990 e intensificado no início do século 21, de cerco à Rússia via expansão da Otan, o que somente realça que é também por este caminho que o imperialismo estadunidense e seus aliados ameaçam a paz mundial. É nesse contexto que o enfraquecimento, a divisão, a instabilidade e até mesmo a destruição da Rússia tornaram-se a Delenda Cartago dos nossos dias, uma palavra de ordem que une Washington, Bruxelas e toda a reação mundial, com os quais jamais nos confundimos.

O Conselho Mundial da Paz, em sua história de mais de 70 anos, nunca se equivocou quando se tratou de identificar o inimigo principal dos povos e os verdadeiros causadores de guerras de agressão. Não é por outra razão que unimos a luta pela paz mundial com a luta anti-imperialista como princípios fundadores de nossa organização.

Outra região que ficou no centro das atenções mundiais foi a Ásia Central, designadamente o Afeganistão. No Afeganistão também ficou evidente a tendência incontornável de nossa época: o declínio do imperialismo estadunidense e de sua hegemonia, com o desenho de uma nova situação geopolítica. Depois de 20 anos de guerra imperialista e ocupação militar com seus parceiros belicistas da Otan, os EUA saíram derrotados, o que pôs um fim inglório a uma das mais longas guerras imperialistas da história. Durante os 20 anos da guerra neocolonial dos EUA no Afeganistão morreram cerca de 180 mil pessoas, 50 mil das quais civis. Mais de 60 mil pessoas ficaram gravemente feridas e 11 milhões de refugiados deixaram suas casas e o país. Mais de 2.500 vidas de norte-americanos e 1.100 de aliados pereceram nos territórios acidentados do país centro-asiático. O "imperialismo benigno" que levaria as luzes para combater as trevas em nome da "guerra infinita ao terror", viu surgir sob os tacões, armas modernas e blindados do seu "invencível" exército 20 novas organizações terroristas no lugar de apenas uma existente antes de 7 de outubro de 2001, data em que começou a guerra.

O fracasso estadunidense foi em toda a linha e inclui a situação socioeconômica do país.

Como força de ocupação, os Estados Unidos não se interessam em colaborar com políticas de desenvolvimento e legaram um dos países mais pobres do mundo. Antes da guerra, o Afeganistão tinha 38,3% de sua população vivendo em estado de pobreza, índice que saltou para 70%. De acordo com a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento (Usaid), 6,8 milhões de afegãos vivem sob risco de insegurança alimentar aguda. Independentemente do caráter político e ideológico e dos métodos da força política que se investiu do poder, é incontornável a constatação de que o povo do Afeganistão derrotou o imperialismo estadunidense em uma guerra prolongada pela independência nacional.

As lutas dos povos também se desenvolvem e acumulam forças. E os países que estão no alvo do imperialismo vão também colocando-se de maneira mais assertiva no cenário internacional. Na América Latina desenvolve-se um quadro promissor, com a vitória de forças democráticas e progressistas em confronto com a extrema-direita, como ocorreu recentemente em países como Bolívia, Chile, Colômbia, Honduras, Peru e agora no Brasil, com a eleição de Lula para exercer pela terceira vez a presidência do Brasil, o que, pela relevância do país e o caráter da política externa anunciada, será um fator favorável à causa da paz.

As lutas sociais e os embates eleitorais recentes refletem uma crescente polarização entre as aspirações populares e as políticas conservadoras e neoliberais, as correntes democráticas e as de extrema direita, polarização que tende a permanecer como o epicentro da luta política e ideológica. Faz parte do quadro em desenvolvimento na América Latina a afirmação de Cuba como país soberano, que aperfeiçoa seu modelo político, econômico e social socialista e resiste heroicamente ao modelo socialista. Também desempenham papel positivo para a afirmação da independência e protagonismo popular na região os avanços da Revolução Bolivariana na Venezuela e o triunfo da Nicarágua sandinista contra as tentativas de subversão interna e ingerência imperialista.

Na África, os EUA e seus aliados tentam impor suas posições neocolonialistas mediante o aumento de sua presença militar por meio do Comando Africano. Respalamos a luta dos povos africanos pelo desenvolvimento econômico e social e pela liquidação de todos os resquícios de colonialismo.

Por este motivo, reiteramos o nosso decidido apoio à luta pela libertação nacional do povo saarauí. É passada a hora de reconhecimento generalizado da valente República Árabe Saarauí Democrática e apoio resolutivo ao povo saarauí que, mesmo injustiçado pela Espanha no processo de descolonização do Saara Ocidental, lançou e retomou heroica luta contra o novo ocupante, o Reino do Marrocos. O seu retorno às armas em 2020 demonstra o fracasso internacional no cumprimento de uma promessa e de um direito inalienável, o direito à autodeterminação, um equívoco gravíssimo que deve ser corrigido

urgentemente.

Acompanhamos com preocupação o desenrolar dos acontecimentos na Península Coreana, onde o imperialismo estadunidense em aliança com a Coreia do Sul continua desenvolvendo ações militaristas desestabilizadoras e agressivas contra a República Popular Democrática da Coreia, a qual tem todo o direito de se defender.

Intensificaram-se durante este ano as provocações dos Estados Unidos à China em torno da sensível questão de Taiwan, que se somam a outras relativamente a Hong Kong e Xinjiang. Reiteramos a defesa do princípio de que no mundo existe uma só China e condenamos toda tentativa de ingerência externa nos assuntos da República Popular da China.

A estratégia das potências imperialistas se estende a toda a região asiática e à Ásia-Pacífico, ao fomentar alianças como a AUKUS, o Quadrilátero e a ingerência sobre as questões envolvendo o Mar Meridional da China. Sob o pretexto de proteger o "direito de navegação", os Estados Unidos são o único fator de militarização naquela área sensível. As questões envolvendo essas águas devem ser resolvidas nos marcos dos entendimentos entre os países concernentes, e de acordo com o direito internacional, sem a ingerência estadunidense.

No Oriente Médio o Estado sionista de Israel continua sua política genocida contra o povo palestino e desenvolvendo ações desestabilizadoras contra o Irã, a Síria e a resistência libanesa. Tendo alcançado o reconhecimento do Estado da Palestina por mais de 130 países membros da ONU, o povo palestino segue lutando pela sua soberania e o fim da ocupação militar ilegal, o apartheid e a colonização da Palestina por Israel. Demandamos o fim desse regime genocida e a libertação da Palestina, já!

Da mesma maneira, defendemos a libertação de todos os territórios sírios ainda sob ocupação por Israel, como as colinas de Golã, e por forças estrangeiras, ou transformados em base de operações de organizações terroristas. Além disso, é preciso combater o vergonhoso regime de sanções contra o país. Tivemos a honra de visitar a Síria em 2018 e aproveitamos a ocasião para reafirmar a nossa solidariedade com o seu valente povo na defesa da soberania nacional.

No mesmo sentido, exigimos o fim da agressividade de Israel contra o Irã e das sanções internacionais contra o país, em prol da retomada do acordo nuclear entre o Irã e o grupo de países do Conselho de Segurança da ONU mais a Alemanha. Ao tempo em que manifestamos a nossa solidariedade com o povo do Irã no justo empenho por consolidar os seus direitos, rejeitamos as já conhecidas manobras imperialistas de buscar desestabilizar os países que não se rendem aos seus desígnios.

Diante desse quadro complexo e desafiador, o Conselho Mundial da Paz está chamado a desempenhar um papel aglutinador, organizador e mobilizador para enfrentar as forças militaristas, causadoras de guerras, intervenções e golpes e avançar na luta pela paz e a emancipação dos povos. Esta luta exigirá de nós cada vez maior clareza de propósitos, espírito unitário, iniciativa e combatividade, para abrir uma senda clara em meio à encruzilhada histórica em que se encontra a humanidade. Esta 22ª Assembleia é um marco importante nesta caminhada. Que realizemos um bom trabalho, um debate elevado com resultados frutíferos e cheguemos a decisões acertadas que se expressem em resoluções consoantes a nossa missão histórica.

Muito obrigada,

Socorro Gomes,

Presidente do Conselho Mundial da Paz